



# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de  
Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá



ORGANIZADORES/AS  
**Maurício André da Silva**  
**Eduardo Kazuo Tamanaha**  
**Márjorie do Nascimento Lima**



Filomena Maria Nunes da comunidade Boa Esperança,  
RDS Amanã, convida para entrar e espiar.

Foto: Bruno Kelly, Instituto Mamirauá



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de  
**Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação**



Márcia Perales Mendes Silva  
Diretora-Presidente da  
Fundação de Amparo à Pesquisa  
do Estado do Amazonas

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá



**Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá**

João Valsecchi do Amaral  
Diretor Geral

Emiliano Esterici Ramalho  
Diretor Técnico-Científico

Alexandre Pucci Hercos  
Coordenador de Pesquisa

Eduardo Kazuo Tamanaha  
Coordenador do Grupo de Pesquisa em  
Arqueologia e Gestão do Patrimônio  
Cultural na Amazônia



**Universidade de São Paulo**

Vahan Agopyan  
Reitor

Antonio Carlos Hernandez  
Vice-reitor

**Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**

Paulo Antonio DeBlasis  
Diretor

Eduardo Góes Neves  
Vice Diretor

# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA

Ficha catalográfica

Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: da terra para lousa / organizadores, Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha e Márjorie do Nascimento Lima. -- São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

120 p. ; il. color.

ISBN: 978-65-993062-2-8

DOI: 10.11606/9786599306228

Obra financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

1. Arqueologia amazônica. 2. Comunidades Ribeirinhas. 3. Escavações arqueológicas – estudo e ensino. I. Silva, Maurício André da. II. Tamanaha, Eduardo Kazuo. III. Lima, Márjorie.

Elaborado por Mônica da Silva Amaral - CRB-8/7681

**Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.  
Proibido qualquer uso para fins comerciais.**





# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de  
Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO







Arqueóloga Luiza Vieira observa o fragmento de cerâmica coletado, comunidade Ponta da Castanha, Flona Tefé.

Foto: Bernardo Oliveira, Instituto Mamirauá



# SUMÁRIO

## OLÁ PROFESSOR, PROFESSORA, TUDO BEM?

- |     |                                                                                                                                        |    |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1.  | Professor, professora, espia só!   <i>Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha, Márjorie do Nascimento Lima (Organizadores)</i> | 10 |
| 1.1 | Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá   <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>                        | 12 |

## VOCÊ CONHECE A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA?

- |      |                                                                                                                                           |    |
|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.   | Educação patrimonial nos caminhos do Lago Amanã   <i>Maria Tereza Vieira Parente</i>                                                      | 16 |
| 2.1  | Arqueologia Amazônica   <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>                                                                                     | 19 |
| 2.2  | Arqueologia do Médio Solimões   <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>                                                                             | 21 |
| 2.3  | Arqueologia da Confluência dos Rios Solimões-Amazonas e Negro - Contexto de Manaus   <i>Carlos Augusto da Silva e Bruno Pastre Máximo</i> | 23 |
| 2.4  | O que a arqueologia tem a ver conosco   <i>Maurício André da Silva</i>                                                                    | 26 |
| 2.5  | As coisas que viram patrimônio. Importância da legislação Patrimonial   <i>Carla Carneiro e Maurício André da Silva</i>                   | 28 |
| 2.6  | Colecionamento de coisas, de material arqueológico   <i>Maurício André da Silva</i>                                                       | 31 |
| 2.7  | Como as pesquisas Arqueológicas são realizadas?   <i>Carla Gibertoni Carneiro</i>                                                         | 33 |
| 2.8  | Pequeno roteiro na curta duração. Como se tornar arqueólogo/a na Amazônia   <i>Márcio Amaral</i>                                          | 38 |
| 2.9  | Caco de pote, pote de gente   <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>                                                                          | 40 |
| 2.10 | O que são as terras pretas?   <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>                                                                          | 44 |
| 2.11 | O tempo das coisas e como saber se é antigo ou recente?   <i>Maurício André da Silva</i>                                                  | 46 |
| 2.12 | Histórias de índios: do passado ao presente, tudo parente   <i>Patrícia Carvalho Rosa</i>                                                 | 48 |

## ARQUEOLOGIA COM AS COMUNIDADES DA RDS AMANÃ E DA FLONA TEFÉ

|             |                                                                                                                                                 |           |
|-------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>3.</b>   | Lembranças da borracha, do patrão e o momento das comunidades<br>  <i>Maurício André da Silva</i>                                               | <b>52</b> |
| <b>3.1</b>  | O território é a floresta, é o rio, é a Reserva   <i>Caetano Franco</i>                                                                         | <b>54</b> |
| <b>3.2</b>  | O papel da arqueologia na área de Reservas   <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>                                                                 | <b>56</b> |
| <b>3.3</b>  | Cartografias participativas   <i>Caetano Franco</i>                                                                                             | <b>58</b> |
| <b>3.4</b>  | Manejo de fauna em defesa da Sociobiodiversidade: Experiências da pesquisa sobre caça na região do Médio Solimões   <i>Lisley Pereira Lemos</i> | <b>60</b> |
| <b>3.5</b>  | Arqueologia e as plantas   <i>Mariana Cassino</i>                                                                                               | <b>62</b> |
| <b>3.6</b>  | Domesticação de plantas: a relação entre as pessoas e o piquiá<br>  <i>Rubana Palhares Alves</i>                                                | <b>66</b> |
| <b>3.7</b>  | É melhor lembrar ou esquecer? Arqueologia do Lago Tefé<br>  <i>Jaqueline Belletti e Kelly Brandão</i>                                           | <b>69</b> |
| <b>3.8</b>  | Arqueologia e as marcas dos muitos seres que habitam os lugares<br>  <i>Jaqueline Gomes</i>                                                     | <b>72</b> |
| <b>3.9</b>  | Arqueologia da FLONA Tefé   <i>Rafael Cardoso de Almeida Lopes</i>                                                                              | <b>75</b> |
| <b>3.10</b> | Arqueologia e as práticas funerárias   <i>Anne Rapp Py-Daniel</i>                                                                               | <b>78</b> |
| <b>3.11</b> | Conservação Arqueológica - o Lago Amanã e a preservação do patrimônio<br>  <i>Silvia Cunha Lima</i>                                             | <b>82</b> |
| <b>3.12</b> | Os estudos iconográficos na arqueologia   <i>Erêndira Oliveira</i>                                                                              | <b>86</b> |

## ALGUMAS DICAS PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA DE AULA

|            |                                                                                    |            |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>4.</b>  | Orientações gerais para professores/as                                             | <b>96</b>  |
| <b>4.1</b> | Arqueologia, plantas, domesticação e o piquiá   <i>Maurício André da Silva</i>     | <b>98</b>  |
| <b>4.2</b> | Arqueologia, cultura material e arte   <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i>          | <b>100</b> |
| <b>4.3</b> | Arqueologia e as práticas funerárias   <i>Maurício André da Silva</i>              | <b>102</b> |
| <b>4.4</b> | Preservação e conservação da cultura material   <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i> | <b>104</b> |
| <b>4.5</b> | Introdução à arqueologia   <i>Maurício André da Silva</i>                          | <b>106</b> |

|                          |            |
|--------------------------|------------|
| <b>5. AGRADECIMENTOS</b> | <b>110</b> |
|--------------------------|------------|

|                    |            |
|--------------------|------------|
| <b>6. CRÉDITOS</b> | <b>116</b> |
|--------------------|------------|

## CACO DE POTE, POTE DE GENTE

Você já viu cacos de potes antigos pelas ruas, quintais e terreiros da sua comunidade? A partir deles é possível contar muito sobre a história de ocupação daquele lugar, sobre a forma como as pessoas se relacionavam, sobre o que elas comiam, sobre as coisas que sabiam fazer. Mas ainda há muitas perguntas a responder.

Primeiro, objetos feitos com barro (argila) podem ser desde panelas, fogareiros, garrafas, bilhas para água e até brinquedos. Podem ser o que a artesã e o artesão quiserem. Isso se deve ao que chamamos de maleabilidade da argila, à facilidade em moldar o barro do jeito que preferirmos. Atualmente, com a facilidade de acesso ao plástico e panelas de alumínio, objetos de barro são menos produzidos, mas ainda são uma marca de comunidades tradicionais, incluindo comunidades ribeirinhas e indígenas, que também os comercializam para venda. Hoje a produção é feita por mulheres. Homens podem colaborar em diferentes momentos da fabricação das vasilhas, mas esse é um conhecimento aprendido, memorizado e repassado por mulheres. São geralmente as mães, tias, vizinhas, amigas que ensinam crianças sobre como modelar o barro. E, aparentemente, essa é uma prática dominada pelas mulheres há muito tempo.

O nascimento de um pote de barro começa com a busca de uma argila boa para fazê-lo. Geralmente, os melhores barreiros estão perto dos igarapés e dentro das matas, então quem anda bastante por esses lugares sabe onde ficam as melhores fontes de argila e, não é incomum, que o conhecimento desses lugares passe de pai e mãe para filhos e filhas, além de outros parentes a quem querem bem. Trata-se, então, de um conhecimento tradicional, um saber também construído diariamente, conhecendo e observando os locais pelos quais circulam.

Um bom barro para fazer potes é aquele que molda bem, macio, com poucas impurezas que podem dificultar sua moldagem. Geralmente, para diminuir a plasticidade desse barro ou melhorar alguma capacidade



Potes de barro.

Acima: Fogareiros à venda na feira Municipal de Tefé.

Foto: Márjorie Lima, julho de 2021

Abaixo: Vaso de cerâmica, bilha, usada para manter a água fresca em cozinha de moradora no município de Codajás.

Foto: Márjorie Lima, março de 2007

que ele já tem, na hora de modelar os potes as oleiras acrescentam alguns temperos e eles também podem variar bastante. Nos potes do passado, mais estudados pelos/as arqueólogos/as da região do médio Solimões, vemos o uso de rochas muito maceradas, restos de outros potes que já não eram mais usados, cauíxi, uma esponja comum em águas doces e o cariapé que muitas pessoas também conhecem como caraipé ou caripé. Mas apenas esses dois últimos são mais conhecidos atualmente. Há diferentes tipos de caraipé, uma árvore do gênero *Licania* spp., e da mesma forma que a argila, é necessário um amplo conhecimento do lugar para encontrar um bom caraipé. Em 2009, duas pesquisadoras do Instituto Mamirauá, Marília de Jesus e Juliana Menegassi, levantaram que mulheres da comunidade Repartimento, dentro da Reserva Amanã, ainda usavam o caraipé para temperar os fogareiros e faziam distinção entre caraipés da casca grossa e caraipé da casca fina. Algumas delas aprenderam a reconhecer árvores de caraipé nos igapós, mordendo a casca. E você, saberia reconhecer uma árvore dessas?

Após essa modelagem e secagem da argila, ocorre a queima do pote. Mas a queima pode acontecer antes da inserção de novos elementos, como também depois. É uma das etapas de maior cuidado da oleira, pois é necessário controlar a intensidade e exposição dos potes ao fogo e, dependendo da intensidade do fogo, o pote pode queimar por dias. O importante é controlar o fogo para que ele não apague, mas também não se exceda. No passado, há evidências de os potes serem queimados tanto a céu aberto, como em espécies de fornos. A queima também é usada para fixar pinturas feitas na superfície dos potes. Entre a secagem das peças de barro e a primeira queima podem ocorrer aplicações de resinas vegetais, banhos com barro fininho, pinturas e outras marcações, desenhos na superfície que se quer mostrar das vasilhas, feitas com a argila ainda macia. Como você pode ver, as escolhas para fazer um pote variam bastante conforme quem os produz, quando produz, a roda de relações nas quais ele é produzido, a função que esses potes terão e a forma como são produzidos.

### **O que a Arqueologia “descobre” estudando os potes de barro?**

Antes de começarmos, peço que você faça um exercício. Responda que objetos você e sua família usam para pescar? Uma rede de pesca, uma zagaia, um potinho que usam para processar venenos? Agora, pense um pouco que objetos você e sua família usam para

caçar? Uma lanterna de cabeça, roupas para proteger dos mosquitos noturnos? O que mais? Descreva tudo que vem à mente. Agora, o que você e sua família usam para cozinhar os peixes que trouxeram ou os animais que caçaram? Você provavelmente respondeu panelas, claro! Mas qualquer panela? Que panelas vão ao fogo, que panelas são melhores para o peixe cozido, que vasilhas servem peixe assado, que panelas vão ao fogão, que panelas vão ao fogo que queima no terreiro?



Cozinha da moradora Patrícia, da comunidade-sítio Boa Esperança, na Reserva Amanã.

Foto: Sílvia Cunha Lima Auvaart, abril de 2017

Provavelmente se fôssemos fazer uma arqueologia da pesca e da caça feita por você e sua família, todos esses objetos que você lembrou seriam investigados por nós. Nossas perguntas iam variar bastante, mas íamos começar tentando descobrir para que esses objetos eram utilizados, como e quando. Depois de responder essas perguntas iniciais iríamos ver que há muita diferença entre as coisas que você e sua família usavam. Elas não parecem servir todas para o mesmo fim, ao contrário, cada uma tem um fim específico. Também parece haver diferenças no que você e sua família usam e as coisas usadas pela família da sua vizinha ou vizinho, as pessoas das outras comunidades. As variações parecem ser infinitas. Essas são algumas das questões mais amplas olhadas pela arqueologia quando se estuda os potes, as ferramentas, as casas do passado.

As arqueólogas Luiza Vieira e Márjorie Lima analisando fragmentos de cerâmica do sítio Boa Esperança, no laboratório de Arqueologia do Instituto Mamirauá.

Foto: Nara Nascimento, março de 2021



Durante muito tempo se pensou que apenas os povos agricultores produziam potes de cerâmica. No entanto, vem de sítios arqueológicos da Amazônia a constatação que povos não agricultores e que se mudavam bastante já produziam cerâmicas. Esse é o caso das cerâmicas encontradas no sítio Taperinha, um concheiro artificial localizado na região de Santarém e que têm cerâmicas com aproximadamente 7.000 mil anos de idade. Outro exemplo amazônico é a cerâmica conhecida como Mina, com idade aproximada de 5.000 anos, identificada em diferentes sítios concheiros e não-concheiros entre o Pará e o Maranhão. Fora da Amazônia, mas ainda em seu entorno, as cerâmicas de uma região do Equador, conhecida como Valdívia, também são vestígios de sociedades não agricultoras, essas cerâmicas têm em torno de 5.500 anos. Outras cerâmicas fascinam pela beleza dos potes. Isso ocorre desde os primeiros europeus na Amazônia. Carvajal, em 1541 - 1542 ao acompanhar a descida de Francisco Orellana pelo rio Amazonas, provavelmente ao referir-se ao que classificamos arqueologicamente como Tradição Polícroma da Amazônia, dizia que ela era comparável às finas cerâmicas chinesas. Em diferentes casos na Amazônia, são esses os vestígios a se tornarem itens de coleções de crianças, adolescentes, mulheres e homens, tomados pelo encanto desses restos ancestrais.

Ainda há muito por descobrir olhando as cerâmicas ou cacos antigos, mas você já experimentou perguntar para alguém mais idoso de sua família se ela ou ele sabia fazer potes? Aposto que a resposta vai surpreender e demonstrar na prática que esse conhecimento é muito mais antigo do que você imagina. Talvez boa parte da história dos seus antepassados ou de pessoas que viveram no mesmo lugar que você não foi escrita, mas sim moldada e pode estar abaixo dos seus pés!



Diferentes objetos arqueológicos feitos de cerâmica.

A: Exposição da Cultura arqueológica Chorrera, Equador. Museo Nacional de la Cultura, outubro, 2013.

Foto: Márjorie Lima

B: Estatueta-chocalho encontrada no interior de urna funerária da comunidade-sítio São Miguel, na Reserva Amanã.

Foto: Jaqueline Gomes



Vaso da cultura Pocó, com  
cerca de 2000 anos. Acervo do  
laboratório de arqueologia do  
Instituto Mamirauá.

Foto: Nara Nascimento